

Estudos Portugueses e Africanos
Número 7, 1986
Páginas 33 - 36

POESIA ANGOLANA

João Melo - Jornalista, membro da União dos Escritores Angolanos
Diretor da ANGOP, Rio de Janeiro
Seu livro "Definição" encontra-se no prelo, Coleção 'Cadernos Lavra &
Oficina', Luanda, União dos Escritores Angolanos.

RECORDANDO AGOSTINHO NETO

Pau de iribondo te chamou
um poeta
lírico
que escreve
com as mãos
submersas na terra

Sólido? E onde
tuas raízes

Recordo-o: os homens
dançavam
na tua morte
como que
totalmente abandonados à dor

Não o desejarias
mas a estupefacção
dominou-nos
De tanto te esperar
o povo
já não saberá
porque partiste

DA NOITE PARA O DIA

A água rebentando as veias
sanguínea, feroz
estilhaçando as linhas de nylon
com cantos épicos na voz

À frente da noite os antigos aníreais
fantásticos, terríveis
o estoiro dos tarbores
como um sol que deflagrasse

O grito rompendo a boca fechada
vário como um tiroteio
sibilino como um vento
alegre como um canto

A memória, uma ferida no meio
A revoada de flechas
como um pânico solto de pássaros
contra o vidro das casas

SOL NO MUCEQUE

Redonda lâmpada acesa
a amarela luz alastrando-se
por sobre o zinco das cubatas
Os fartos cabelos
das tulerbeiras
Raparigas cartando água
no chafariz
Meninos de barriga inchada
brincando com bola ou
tampas de garrafa

O POETA PREGUIÇOSO

Ao Aldeniro

Estou de acordo:
nada de vilipendiar as palavras de ordem
pois de tanto abuso
falho de raça cinzenta
elas arriscam-se a perder a virilidade
Daí que:
re tenha acomodado
a esta preguiça fictícia
de nervos desconfiados
e lanternas faiscantes nos olhos
Sugeres:
suaves canções às savanas ralas
poetas novos e ousados
a mulheres de carne e fogo
Pergunto:
e os duzentos tortos de Savate?